

# Revista Sarau Subúrbio

MAIO 2018 - ANO 01 #02



*Subúrbio é movimento*



## EXPEDIENTE

Edição: Ano 01 - Nº 2 - Maio de 2018

Periodicidade da publicação: mensal

Idioma: Português (Brasil)

Editores: Marcelo Bizar e Marco Trindade

Conselho editorial: Marcelo Bizar, Marco Trindade, Sônia Elã, Kátia Botelho

Secretária-geral: Sônia Elã

Revisão: a revisão dos textos é feita pelo próprio autor, não sofrendo qualquer alteração pela revista.

Diagramação: Marcelo Bizar

Imagens: todas as imagens não creditadas foram retiradas da Internet, tendo optado o Conselho Editorial da revista por não identificar seus autores quando desconhecidos.

Contato: [sarausuburbio@gmail.com](mailto:sarausuburbio@gmail.com)

Distribuição: A distribuição da Revista Sarau Subúrbio é online através das plataformas ISSUU dentre outros meios de divulgação online. Os áudios dos links são armazenados em plataformas digitais da Internet e podem ser acessados diretamente ou através dos respectivos links divulgados.

Capa: arte sobre foto da internet (arte: Marcelo Bizar e Marco Trindade).

### Notas:

A Revista Sarau Subúrbio é uma publicação totalmente gratuita, sem fins lucrativos. Não contamos com patrocínio de qualquer natureza. Sua periodicidade é mensal e sua distribuição é eletrônica, em formato PDF, através de plataformas digitais gratuitamente.

Nosso objetivo, em linhas gerais, é servir de instrumento para que os artistas que não possuem espaço de divulgação nas mídias tradicionais possam apresentar seus trabalhos, nas mais variadas formas, seja na literatura, na música, no cinema, no teatro ou quaisquer outras vertentes artísticas, sempre de forma livre e independente.

Todos os direitos autorais estão reservados aos respectivos escritores que cederam seus textos apenas para divulgação através da Revista Sarau Subúrbio de forma gratuita.

A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos e colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.



## EDITORIAL

Enquanto o mundo comemorava a Revolução dos Cravos, nós aqui da nossa pequena-grande Aldeia, publicávamos, silenciosamente, a primeira edição da Revista Sarau Subúrbio.

Tudo começou quando o compositor e escritor Marcelo Bizar resolveu convidar seu parceiro musical e amigo, o poeta Marco Trindade, para construírem juntos uma Revista que pudesse ser um espaço para propagação da cultura popular, um canal onde os artistas independentes tivessem voz.

Depois de vários meses de muita conversa surgiu o nome da Revista, a partir de então cada detalhe foi sendo exaustivamente trabalhado, porém com muito humor, alegria, até que se chegou a um formato um pouco mais abrangente, pois além da publicação de poemas, letras de música, contos, crônicas e charges, naturalmente vieram os relatos, os depoimentos, os artigos, as entrevistas, sempre tendo como diretriz a cultura popular, valorizando-se, de certo, todos aqueles saberes quase sempre rejeitados pela Academia.

Assim, no dia 25 de abril de 2018 nasceu oficialmente a Revista Sarau Subúrbio, sendo disponibilizada na plataforma ISSUU sua primeira edição.

Nesta presente edição que apresentamos ao público, no mês em que se completam os 130 anos da Abolição da Escravatura, deixamos para os leitores a indagação: A Abolição é uma realidade?

Mais uma vez agradecemos com entusiasmo aos leitores, e a todos aqueles que vêm nos dando grande incentivo, em especial aos parceiros que abraçaram a ideia e prontamente nos enviaram textos para o pontapé inicial.

Vamos à leitura!

“(…)

Pra lutar pelos nossos direitos  
Temos que organizar um mutirão  
E abrir o nosso peito contra a lei  
Do circo e pão

E ao mesmo tempo cantar, sambar, amar, curtir  
Só assim tem validade minha gente  
Esse nosso existir” \*

(\*Bandeira da Fé, de Martinho da Vila e Zé katimba)



## SUMÁRIO

- 02 - Expediente
- 03 - Editorial
- 04 - Sumário
- 05 - Dormindo aos pés de Zambi
- 06- Alcides Bernardino da Silva, o Seu Alcides
- 08 - Jornais suburbanos antigos
- 10 - Bolas, ora bolas
- 16 - Era noite
- 17 - José Dias: o bajulador da gente
- 18 - O poeta das três raças
- 20 - O polivalente Geraldo Pereira
- 23 - Comida de pé-sujo
- 25 - No peito um regador
- 27 - Mulher: a ausência transformada em luta
- 29 - Chão de praça
- 30 - Foi um samba que passou em minha vida
- 31 - Estante suburbana
- 31 - Discoteca suburbana
- 32 - Lobato
- 34 - Temposição das almas ícubas
- 36 - Rádio Viva o Samba, um sonho real
- 37 - Um pouco do nosso trabalho
- 38 - Sengas
- 39 - Maria Candelária
- 40 - Um argentino na pelada de Vigário Geral?!
- 42 - Morreram três essa noite
- 45 - Pelada de carnaval
- 47 - O jogo de gude
- 48 - Água de moringa
- 49 - Rima Pobre
- 50 - Blog do Tiziu
- 51 - Informação sobre os áudios da revista



## DORMINDO AOS PÉS DE ZAMBI



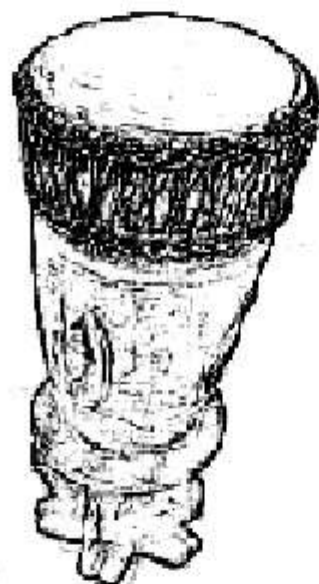
Vela meu corpo  
Que minh'alma repousa  
No Quilombo do céu



Embala meu sono  
Esquenta minha carne  
Rompe a chibata  
Faz-me sonhar



Quando eu acordar...  
Quando eu acordar...  
Não!  
Não quero acordar!



Aqui em Aruanda  
A bandeira da paz  
Tem a cor da noite  
Na essência.



J. DO ROSÁRIO



## ALCIDES BERNARDINO DA SILVA, O SEU ALCIDES.

Casado com Dona Neuma Gonçalves a primeira dama da Estação Primeira de Mangueira e pai da Chininha ex presidente da escola até o mês de abril do ano de 2010, Seu Alcides se dedicou de corpo e alma a escola verde e rosa, sem aparecer muito onde nas décadas de 1950 e 1960 prestou grandes serviços a ela.

Homem discreto e sempre atuando como caixa nos ensaios do Grêmio, ele era ainda o responsável pelo faturamento nos ensaios.

Naquele tempo se vendia cerveja de garrafa, inclusive muitas com casco verde.

Em seu tempo o gelo era comprado em pedra.

Colocava-se a cerveja dentro das tinas feitas de barris, quebrava-se o gelo em pedrinhas e se forrava as cervejas com ele e para conservá-lo enquanto se gelava a cerveja cobria-o com serragem e depois colocava-se folha de jornal em cima, até a hora de se vender a cerveja já gelada.

Seu Alcides não era de beber, mais fazia um Leite de Onça que era uma beleza..

Assim como sua esposa Neuma, já falecida, suas filhas continuam prestando grandes serviços á Estação Primeira tendo Ceci já sida Presidente da Mangueira do Amanhã, Guezinha foi Presidente do Departamento Feminino da escola, Chininha com já dito foi presidente e continua no Conselho da escola e a neta Neuci que não chegou a conhecê-lo desfila na Ala das Baianas desde novinha e hoje é a sua presidente.

É uma família realmente a serviço do samba e em especial pela Mangueira, sem contar que ainda teve o “Tio Jair” cunhado de seu Alcides, como grande diretor de patrimônio da escola por várias gestões devido ao ótimo serviço desenvolvido na função.

Sem contar que o primeiro Presidente da Estação Primeira de Mangueira foi Saturnino Gonçalves pai da falecida Primeira Dama, Neuma Gonçalves da Silva.

E assim vou contando a história de vários personagens Mangueirenses que não tiveram mídia, mas fizeram parte da construção da historia que permitiu a nossa verde e rosa contar com o lindo Palácio do Samba.

**Sarau**



**Subúrbio**

A Mangueira é muito grande e dá galho pra todo lado.  
Seu Alcides não ganhava dinheiro com seu trabalho na Mangueira, dava o sangue e não merece.

**Onesio Meirelles**



## JORNAIS SUBURBANOS ANTIGOS

Foi com muita alegria que recebi a notícia do primeiro número da Revista Sarau Subúrbio. Tal fato, também, trouxe à minha memória a existência de alguns jornais dirigidos à população suburbana do Rio de Janeiro, que foram publicados em finais do século XIX e início do XX. Dentre estes, quero destacar cinco: A Gazeta Suburbana de 1883-84, O Echo Suburbano de 1901, Progresso Suburbano de 1902, Commercio Suburbano também de 1902, e Echo Suburbano de 1911, todos disponíveis no site da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional.

Estes periódicos são valiosíssimos para a memória do subúrbio carioca, pois em suas páginas estão registradas notícias sobre a história e o desenvolvimento de bairros como Engenho de Dentro, Piedade, Méier, Cascadura, Madureira e outros.

Ainda no final do século XIX, o crescimento urbano e comercial dentro dos subúrbios destaca-se nesses jornais. No primeiro número de A Gazeta Suburbana, o artigo “O que é verdade” (15/12/1883) descreve que nos subúrbios “há escolas bem dirigidas, farmácias bem montadas, armazéns em grande escala, etc.” que provavam o progresso suburbano. Na edição de número 3 (06/01/1884) deste mesmo jornal, há uma lista com endereços de médicos, farmácias, correios, telégrafos, telefônica, etc. Outro periódico, Progresso Suburbano, redigido em Piedade, relata o rápido desenvolvimento dos subúrbios, onde a população tem crescido de maneira extraordinária, e o comércio também tem se espalhado e desenvolvido.

Os problemas da população suburbana também são continuamente relatados por estes jornais: o péssimo estado das ruas, a falta d’água constante, terrenos baldios onde crescem enormes matagais, cães vadios pelas ruas, casas em eminente ruína, falta de iluminação, o descaso do governo,... Alguma semelhança com os dias de hoje? Fica a reflexão.





Os costumes e distrações de nossos antepassados suburbanos são outro assunto recorrente nos periódicos citados. O *Commercio Suburbano* (15/05/1902), conta como transcorre um baile, considerado um costume tradicional: ao crepúsculo vão chegando os primeiros convidados, come-se, depois vêm os brindes; enquanto uns dançam (principalmente os mais jovens, que se dirigem ao piano) os mais velhos reúnem-se para fumar, falar de política, finanças, etc. O baile é ainda o espaço para galanteios de moços para as moças com “frases doces e carinhosas” em seus ouvidos. Ainda em 1883, *A Gazeta Suburbana* (15/12) noticiava que, ao longo de todo o subúrbio, havia sociedades musicais, dramáticas, carnavalescas e de dança. Em 1884, anuncia-se a posse da nova diretoria da “Sociedade Dramática Musical de Engenho de Dentro” (*A Gazeta Suburbana*, 24/02/1884). Dentro desses bailes, faziam sucesso também o violão e a modinha.

O carnaval, obviamente, marca a sua presença na vida suburbana. Havia diversos cordões, blocos e grupos. Um fato interessante do carnaval de 1884 foi registrado pela *Gazeta Suburbana* (09/03): o club *Mephistophelis* do Engenho de Dentro “cortou” do seu cortejo algumas ruas do Engenho Novo, devido à sua péssima conservação.

Este é só um breve relato da importância destes e de outros periódicos que se dedicavam a informar e entreter os antigos moradores dos subúrbios do Rio. Fica aqui a minha dica para uma boa e deliciosa pesquisa nessas páginas do passado que registram um pouco como era o nosso querido subúrbio de antigamente.

**Ana Cristina de Paula**



## BOLA, ORA BOLAS!

A estação é o outono e a hora é a que se aproxima dos derradeiros minutos que antecedem a chegada do crepúsculo. O início do último quarto do dia, a noite. O sol, que rolara intensamente no azul do céu durante o segundo e terceiro quartos do dia, era, agora, somente uma enorme e linda bola alaranjada com uma cor incomparável a esta feia que anda desfilando por nossos gramados. Embora já sem o seu brilho inicial, pois se sentia triste por ter que abandonar o calor da torcida da cidade do Rio de Janeiro, ele saía, passando rente aos morros, em direção a linha de fundo. Abandonava o mais belo estádio do hemisfério sul quase aos quarenta e cinco minutos finais da tarde.

O feixe de luz de um refletor natural, guiado pelas mãos invisíveis de um hábil e experimentado iluminador, realçava a cena. Um solitário e relutante raio de sol, com o brilho opaco de uma luz mortiça, emprestava um ar nostálgico a um minúsculo trecho do centro da grande Cidade. Havia algo de mágico pairando naquele cenário, pois somente aquele cantinho era agraciado milagrosamente pelo fecho de luz solar.

O palco é a esquina das ruas Buenos Aires e Regente Feijó, onde, restauradas com habilidade e maestria por seu Domingos das Bolas, saudosas bolas de futebol, conversam alegremente, enquanto esperavam por seus condutores.

Paciente e meticoloso, seu Domingos passa os dias entre os mais diversos tipos de bolas, a quem chama carinhosamente de minhas fofas, realizando o seu mister, dando uma bola e ganhando um qualquer, para gáudio das bolas, que ali aparecem, e alegria da patroa e da gurizada em casa. As bolas, algumas bem conservadas e outras bem desgastadas pelos confrontos que animaram, mas todas ainda dando muito bem no couro quando solicitadas, graças ao esmero de seu Domingos, contavam com graças, num papo redondo, suas experiências nas pelepas da vida. Hoje, talvez devido à pequena afluência ou ao primeiro contato entre elas, não havia a algazarra tão costumeira que rolava entre as bolas. Todas aguardavam educadas e pacientemente a sua vez de contar seus casos.



Sob o esplendor da luz da ribalta do improvisado palco, com um texto muito bem ensaiado, Madame Semitri contava, vaidosa e com um indisfarçável ar de superioridade, o segredo da sua boa forma, ainda bem redondinha como os boleiros gostam. Ela era a mais velha entre as presentes, mas aparentava ser a mais nova apesar da passagem do tempo. Remexia-se, com efeito, para exibir o corpo, quase todo ele tatuado com os autógrafos dos campeões da Copa de 70, orgulhosa da sua bela silhueta.

— Eu fui, minhas caras e queridas amigas, em toda a minha existência, bola de um jogo só! Jamais rolei em outro gramado. Mas o único e grande jogo da minha vida não foi um jogo qualquer, não! Sou protagonista da semifinal da copa do mundo de 1970, jogo em que o Brasil venceu o Uruguai por 3x1 dando um passo rumo ao seu tricampeonato mundial! Foi o jogo em que o fantasma da copa de 1950, que, desde então assombrava a muitos brasileiros, foi definitivamente espantado! Vocês ainda nem sonhavam em ser manufaturadas e eu já estava desfilando e brilhando no gramado! Naquela memorável partida eu tive a glória de ir parar nas redes e celebrar o mágico momento do futebol quatro vezes, mas no cômputo final, não me realizei como gostaria, as frustrações empanaram um tanto o brilho por mim cobiçado.

Com um ar nostálgico fez uma pausa e suspirou fundo, deixando escapar um pouquinho de ar pela válvula, para avaliar o suspense e o impacto que a sua narrativa causava a platéia de ouvintes. Observou em torno e percebeu que todas as bolas a olhavam atentamente, sem piscar, com muita atenção e admiração. Sentiu-se a verdadeira dona do jogo e, mais uma vez, exibindo o seu ar de superioridade, continuou a representar o seu papel no espetáculo:

— Não tive a competência de agradecer o Pelé, rei do futebol, com um gol, embora tenha me esforçado muito para fazê-lo. No ímpeto de ajudá-lo a converter um gol, como se ele precisasse disto, né! Interferi na complementação de algumas jogadas brilhantemente executadas, impedindo que elas se finalizassem de acordo com a malícia e a perícia, por ele, articuladas. Se as deixassem seguir naturalmente as suas trajetórias, sem a presunção de melhorá-las, talvez não estivesse aqui me lamentando. Mas graças ao meu bom Deus tudo isto já são lances superados, entretanto foi necessário um longo período de análise para amenizar o trauma de não ter nos dado à satisfação pretendida.

Madame Semitri, ciente de que monopolizava a fala, deu uma olhada de relance e fez uma rápida pausa com receio de perder a vez da palavra. Porém foi o suficiente para encontrar em meio aos redondos semblantes um olhar de enfado.

— Não sei se estou sendo clara, mas vou elucidar umas passagens para animar o papo e os fatos. Em duas lindas e maravilhosas jogadas, por exemplo, fui vaiada por quase todo o estádio de Jalisco graças a pequenos, mas decisivos detalhes. Aliás, jogadas tão inesquecíveis que tem gente que já apagou o jogo da memória, mas mantêm vivo os registros delas. No primeiro lance o Pelé me emendou de primeira e de bate pronto, lá do meio de campo, rebatendo um tiro de meta cobrado pelo goleiro adversário, que lhe caiu à feição.



Graças a mim o goleiro me agarrou. Eu calculei mal a trajetória na volta e, alterando os planos dele, não consegui dar a impulsão que eu pretendia para encobrir o goleiro quando bati no chão, daí ele me alcançou e segurou. Na segunda jogada ele enganou a nós três: eu, o goleiro, o beque e acho que, também, a todo mundo que assistia ao jogo. Dando um corta luz ele fingiu que ia me pegar, mas me deixou seguir e deu a volta no goleiro, como no drible da vaca, mas fazendo ele a trajetória como se fosse uma de nós. Com o goleiro, que pensou que ele tinha me conduzido, e o beque voltando desesperados para impedir o gol, ele me chutou tirando mais do beque. A verdade é que fiquei com medo de me chocar contra a trave aí tendenciosamente me inclinei para a esquerda e sai pela linha de fundo. Até hoje eu ainda costumo sonhar muito com estes lances, mas só que convertidos em gol.

Benê, notadamente a mais nova da turma, que escutara a todo o relato, mais atenta do que todas ali presentes, dando um tom de consolo a uma voz lamentosa, refutou:

— Madame a senhora não sabe o que é fracasso. Imagine só: uma aprazível tarde de domingo, o estádio Mário Filho, maior estádio de futebol do planeta, lotado pelas duas maiores torcidas do Rio e dia de decisão do campeonato carioca. Neste momento ela fez uma breve pausa e elevou o olhar rapidamente na direção da madame Semitri, para medir o efeito que suas palavras provocara nela. Depois fez um contato visual com cada uma das outras.

Madame permanecia garbosa e majestosa, era a única colocada em uma pequena cadeira de espaldar alto, parecia uma rainha olhando a todas suas súditas de um plano mais alto, mas prestava atenção sem esboçar, no austero semblante, reação de natureza alguma. As outras duas companheiras retribuíram com animadores olhares de incentivo. Benê, então prosseguiu animada:

— Eu, de braço dado com o juiz, entro garbosa em campo para a minha avant premier. O juiz, a autoridade máxima em campo, examinando se tudo transcorria de acordo com o protocolo, me segura o tempo todo, demonstrando quem seria a bola do jogo. Tudo pronto para o início da peleja e começa o meu drama. O árbitro me segura com as duas mãos e me aperta, eu toda prosa, rio de prazer, mas ele faz uns trejeitos de quem não parece nada satisfeito e eu fico apreensiva. Com ar de indecisão ele me entrega ao primeiro auxiliar, que também me aperta, e me passa ao segundo auxiliar e este, depois, aos capitães de Vasco e Flamengo. Passei de mão em mão, entre alguns daqueles que nos usam e tratam com fino trato, e ninguém pareceu gostar da minha forma e sou desprezada.

Sentindo-me completamente vazia por dentro, retornei murcha para o vestiário consolada por um amável gandula, que se desdobrou pacientemente tentando reanimar-me e colocar-me mais uma vez em condição de jogo, mas o desalento já havia me tomado em seus braços. Vivi um triste e longo período de abandono e esquecimento, jogada num depósito por falta de especialistas para cuidar de mim. Um dia apareceu, por lá, um político pedindo uma bola oficial para um jogo beneficente, que organizara com fins eleitoreiro, e foi a minha redenção.



Como o solicitante gozava de pouco ou nenhum prestígio político junto ao superintendente este não só não negou o pedido como o atendeu prontamente. Entretanto para demonstrar e deixar bem evidente a forma do seu apreço eu, uma bola imprestável, fui cedida.

Este gesto mais tarde lhe custou muito caro, mas isto é papo para uma outra vez. O candidato não promissor, na avaliação do superintendente, percebeu e se enterneceu com o meu problema e me trouxe, com urgência, para ser examinada pelo seu Domingos; diagnóstico: um defeito congênito na válvula que me causava uma lenta e contínua perda de ar. Seu Domingos restaurou a minha válvula e desde então eu participo, com destaque, do início de todas as partidas que ele organiza. Passei a ser o seu amuleto, o símbolo de todas as suas campanhas. Nova, mas restaurada, já não sinto esperanças e nem tenho mais a pretensão de desfilar nos grandes estádios sob tratos de profissionais do esporte. No entanto estou sendo preparada para brilhar numa pelada lá na Granja do Torto!

— Tudo é possível minha amiga, não esqueça que todos dizem que o mundo é como a gente: pequeno e redondo! Estaremos torcendo por você e lembre de nós quando lá estiver! — disse, euforicamente, Talismã iniciando seu relato.

— Eu também nunca rolei fora do sítio do Chico, mas me envaideço com isto, embora não conheça outro estádio. Viajei com ele todas às vezes que ele foi para o exterior esperançosos de desfilarmos por algum estádio ou mesmo em um campinho de várzea, mas isto nunca foi possível. No entanto, durante muitos anos, todas as segundas e quintas, eu entrei em jogo e fui às redes milhares de vezes. Artistas de todos os quilates, inclusive do futebol me tocaram. Durante o meu período de reinado absoluto, o Politeama, time do Chico, ficou invicto por muito tempo, sabem por quê? Porque nós éramos cúmplices e tínhamos um trato: eu só visitava os fundos das redes do time dele, quando ia! Um número de vezes menor do que a do adversário. Cansei de dar em cima do goleiro dele, às vezes ele não chegava junto e nem me pegava, aí eu batia com raiva na trave ou, então, saía fula da vida pela linha de fundo. Frustração eu não tenho, muito pelo contrário! Mas, no meu íntimo, carrego uma pequena mágoa. O Chico, apaixonado que é por uma bola, nunca fez uma música para nós!

Finalizou Talismã acrescentando uma forte dose de dramatização a última frase. — Que Chico é este, que você se infla de tanto orgulho quando fala dele? — questionou madame Semitri, esforçando-se para esconder uma ponta de despeito, mas revelando todo conteúdo de inveja por tamanha veneração.

— Chico Buarque de Holanda! — disse Talismã, enfatizando cada sílaba do nome, sem conseguir disfarçar a ansiedade com que aguardava para responder a tão esperada pergunta. Benê, uma inveterada sonhadora, que adora analisar tudo sob a óptica dos contos de fada, curiosa de como se originou o relacionamento, perguntou:

— Quando vocês se viram pela primeira vez?

Talismã, agora centro de todas as atenções, deixou escapar um riso matreiro, enquanto enxugava o suor que brotava das suas costuras.



— Bem! Foi amor à primeira vista. Estávamos todas em exposição na vitrine da loja quando alguém gritou: Vejam é o Chico Buarque! Todas rolamos para a vidraça. Ele, que já estava alguns passos adiante da vitrine, deve ter percebido a movimentação e virou a cabeça curioso. Todas voltaram para seus lugares, assim que ele deu meia volta, menos eu, que fiquei paralisada encarando-o admirada. Ele entrou na loja e voltou com o vendedor e apontou para mim dizendo: Eu quero esta! Todas, com exceção de madame Semitri, exibiam um semblante de admiração e adoração. Para não perder a sua majestade na rodinha, madame Semitri exibida retomou a palavra:

— O meu dono é ex-dirigente da CBD, agora CBF. Naquele dia, quando o jogo se aproximava do final, ele decidiu que eu seria dele de qualquer maneira, logo assim que a partida encerrasse. Após o apito de final de jogo, com uma amiga, também oficial da copa, na mão, escorou o árbitro do jogo na entrada do vestiário. Em meio à confusão de repórteres, jornalistas e curiosos, fez a troca. Ele se posicionou atrás do árbitro com a minha amiga nas mãos, alguém orientado por ele me puxou dos braços do juiz, que ao se virar se deparou com ele de braço dado com a minha amiga, achando que era eu. O árbitro, rápido e fulo da vida, tomou a minha amiga das mãos dele, pensando estar recuperando-me. Meu dono, então, armou um pequeno barraco com o árbitro para dar um ar de tragédia a comédia e, se esforçando para conter o riso, foi embora de mãos vazias e de orgulho cheio. Hoje em dia, eu só saio de casa para exposições e festas, uma vez ou outra apareço aqui no seu Domingos para fazer alguns retoques.

— Que por sinal fez maravilhas com a minha válvula, pois nunca mais o ar da câmara escapou inadvertidamente. — Falou Benê em tom de agradecimento. Feia de cara, mas boa de jogo, um pouco afastada do grupo, Raimunda: rota, remendada, maltrapilha e envergonhada ouvia a tudo como uma coruja, não dizia nada, mas prestava uma atenção! Benê percebeu nela o desejo de também relatar as suas experiências. Empurrou-a para o centro do grupo e ela se deixou rolar.

— Eu comecei em São Januário, onde fui bem tratada por muitos e maltratada por poucos. Trago nestes descascados e costurados gomos boas lembranças de craques como Romário, Geovani, Ernane e outros, além de uma verdadeira adoração por Roberto Dinamite. Mas um dia, por problemas políticos internos e ciúmes pela felicidade expressada por uma possível volta de Roberto Dinamite, fui doada para uma Penitenciária. Era bola para todo jogo: campeonatos internos, amistosos e peladas de funcionários. Alguns me tratavam sem nada dever aos profissionais de futebol, mas a maioria era braba mesmo. Para agravar o meu sofrimento o campo lá na Penitenciária não tem grama, é de barro, e eu rezo para chover, assim não sofro tanto com a aspereza do solo. De vez em quando, um funcionário me leva para jogar fora, o campo é maravilhoso: grama importada, marcação com talco e traves emborrachadas, mas a maior parte do pessoal é de dar dó, nada deixando a desejar aos piores lá da Penitenciária. Lá, somos poucas e eu quase não tenho descanso, nossas estórias são parecidas, por isso adoro quando venho ao seu Domingos.

Sarau



Subúrbio

Na última vez que estive aqui não havia somente companheiras de futebol de campo, encontrei algumas de salão e uma de beach-soccer, conversamos muito sobre o futebol e chegamos à conclusão de que deveríamos fundar um Sindicato. Eu já soube de jogos de futebol: sem trave, sem torcida e sem rede, mas de nenhum jogo de futebol sem bola. A terra é redonda! O sol é redondo! A lua é redonda! Ora bolas! Afinal, quem é a rainha do espetáculo?

A lua, que aguardara pacientemente a sua hora de substituir o sol, já adentrara o cenário, há algumas horas cheia e brilhante como uma bola. Embora o sol se esforce para fazê-la brilhar, tanto quanto ele, o seu brilho é frio e uniforme e talvez por isto o cantinho de seu Domingos das Bolas, agora vazio, tenha um aspecto nostálgico e sombrio, como a maior parte do centro da Cidade.

**Kaju Filho**



## ERA NOITE

Acordei e era noite,  
As luzes amareladas das velhas ruas  
eram as únicas faixas de claridade que poderia se ver...

Acordei e era noite,  
E o silencio era o barulho dos poucos desavisados,  
ou desnorteados como eu arriscavam a rua...

Acordei e era noite,  
Outros insones de suas casas pensavam que não queriam,  
ou temiam acordar amanhã.

Acordei e era noite,  
Não tinha mais a euforia dos tempos anteriores,  
o som da liberdade parecia estar para outras paragens...

Acordei e era noite,  
O sol se escondeu em um outono, a chuva não lavava a alma,  
e sim revirava a lama que um dia escondeu os crimes e cadáveres do passado.

Acordei e era noite,  
Não tinha mais direito ao dia, não tinha mais direito à luz,  
não tinha mais direito à fala, não tinha mais...

Acordei e era noite... E na noite só tem recados!  
Recados, quando  
Eu acordei e era noite!

**Danilo Firmino**





## JOSÉ DIAS: O BAJULADOR DA GENTE

A literatura tem a capacidade de construir personagens extraídos – envelopados, quem sabe – da sociedade como poucos conseguem em matéria de arte. Percebe-se mais ainda que, nessa remoção, o processo criativo se dá muitas vezes (infinitas) com base num jogo lúdico, tentando convencer o leitor de que a arte imita a vida. Que perda de tempo!

Machado de Assis dá vida e voz a José Dias, personagem presente na obra Dom Casmurro, e a partir do qual ironiza um grupo da sociedade que sobrevive à base de favores e bajulações nas saias da parte privilegiada e bem assistida. Baseando-se, portanto, nessa ideia, entende-se a causa que leva o nosso querido José Dias a tomar uma atitude adulatora diante da família Santiago: instinto de sobrevivência e status.

A perspectiva da lógica do favor, observando a sociedade fluminense, por exemplo, entende-se que há – e muito – inúmeros José Dias na Câmara dos Vereadores, na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, nas empresas mistas públicas e privadas, nas companhias multinacionais, com a intenção de prestar pequenos favores em troca de visibilidade, posição social, conjuntura bajulatória, corrupção estoica e passiva...

Vê-se hoje o futuro repetindo o passado. Naturalmente, está-se numa circunstância social em que – não se preocupem – o estado bajulatório permanente e assim o Estado se tece, se cria, se reconstrói ao espelho do nosso agregado José Dias.

**Leonardo Bruno**



## O POETA DAS TRÊS RAÇAS

A Noite nunca foi tão noite,  
Havia até um certo pavor de  
Nunca mais clarear.

Violeiros, poetas e amantes tentavam  
Laçar a lua num frenesi incontido,  
Todos embebidos por um céu cravejado  
Com estrelas de prata.

Nas ruas, nos bares, nos becos, vielas, terreiros e favelas,  
O vento dançava uma dança profana e sagrada,  
Que convidava ao exercício do prazer.

Serenatas, madrugadas, violões, atabaques, serestas,  
O subúrbio estava em festa.  
Solidão passeava de mãos dadas  
Com a saudade,  
Ao som de um cavaquinho  
Que chorava de mansinho a dor de estar feliz...

Ninguém há de esquecer  
Aquele perfume de melancolia,  
Que um samba dolente  
Fazia toda gente  
Pensar em viver.

Nos campos e matas  
A bicharada grunhia,  
O capim se agitava,  
O tacape bradava,  
Um gorjear conduzia.



A Casa-grande não percebia,  
Mas a senzala irrompia  
Com o seu mais forte canto de guerra.  
O Berimbau entoava  
Como um profeta prenuncia a chegada  
Daquele que libertaria.

De repente então, do fundo do Sertão, ouviu-se  
O coro da romaria.  
Dentre milhares de vaqueiros  
Um sacou do matulão  
E leu uma triste oração  
Que dizia no fim:

" Vem ao mundo poeta, vem cumprir sua missão,  
Vem dividir a nossa dor e espalhar um pouco de alegria"

E assim o mundo se preparou  
Para receber aquele que iria nascer sob a  
Proteção do canto das Três Raças.  
O mais Rosa do brasileiros  
O Uirapuru da cidade  
O poeta de verdade  
Paulo César Pinheiro.

**Marco Trindade**



## O POLIVALENTE GERALDO PEREIRA

Geraldo Pereira foi um compositor que se debruçava muito bem sobre os dois principais códigos da MPB: a melodia, na qual frequentemente fazia uso da síncope ou síncope, que é propriedade de inverter os tempos fortes para os tempos fracos; e a letra, na qual perpassava com clareza situações inusitadas de sentimentos universais, aliados a observações do cotidiano carioca, aliás, um recorte que está sendo desenvolvido por um pesquisador holandês e exímio conhecedor de sua obra com seu discurso polissêmico.

Muito já se falou sobre sua vida e de seu trabalho, principalmente em “Um escurinho direitinho”, de Luís Fernando Vieira, Luís Pimentel e Suetônio Valença, assim como nos textos da coleção “A Nova História da Música Popular Brasileira”, duas fontes imprescindíveis para o entendimento deste personagem da MPB, tão multimídia em sua época, tendo se envolvido com teatro, rádio e cinema.

Em teatro montou uma pequena peça, quando ainda morava no Morro de Mangueira, tendo como base sua letra de “Na subida do morro”, posteriormente vendida e gravada por Moreira da Silva em 1952, atuou como cantor em espetáculos teatrais; no rádio, além de intérprete de outros compositores e de suas músicas, o que viria a ser conhecido, mais tarde, como “Cantautor”, também compunha e gravava jingles publicitários; no cinema participou como cantor e ator coadjuvante em três filmes: “Tudo é Verdade” (Orson Welles, 1942), “Berlim na Batucada” (Luiz de Barros, 1944) interpretando o personagem Cabo Laurindo, e por fim, “Rei do Samba” (Luiz de Barros, 1952) sobre a vida do compositor Sinhô. Portanto, nestes rápidos exemplos percebemos o quanto era um artista multimídia para a sua época.



Contudo, outros aspectos de sua produção não foram bem explicitados, pelo menos como deveriam, por exemplo, o cronista. Geralmente quando se fala em cronistas da MPB são citados Noel Rosa e Chico Buarque, com muita propriedade, por sinal, e ainda um Wilson Batista (com certa incipiência também), porém, o compositor não é lembrado neste quesito, o qual tem uma relevante contribuição, porém, pouco estudada e reconhecida. Se cotejarmos sua obra com a de outros compositores da época, por exemplo, os emblemáticos Cartola e Nelson Cavaquinho podemos perceber que os temas desenvolvidos por estes dois mangueirenses tinham como mote, quase sempre, valores e sentimentos universais que espelham a dicotomia subjetivismo/universalismo.

Em Nelson Cavaquinho temos a 'solidão' em "Luz Negra", a 'traição' em "Notícia", a eterna luta do 'bem contra o mal' em "Juízo Final", a 'tristeza' em "Visita Triste" e a 'saudade' em "Quando eu me chamar saudade". Em Cartola reconhecemos o desenvolvimento dos temas universais como a 'culpa' em "Não", os 'sonhos' em "O mundo é um moinho", a 'fé' em "Deus te ouça" e o 'verdadeiro amor' em "Divina Dama", uns poucos exemplos destes dois ícones da nossa cultura musical.

Em Geraldo Pereira a veia de cronista urbano se faz mais latente. Vejamos então algumas de suas músicas que abordam e desenvolvem certas facetas nesta seara:

- 1 - o popular jogo do bicho em "Acertei no milhar" (c/ Wilson Batista, 1940);
- 2 - o ambiente das gafieiras, a maioria já desaparecida, do centro da cidade em "Sem Compromisso" (c/ Nelson Trigueiro, 1944) e "Chegou a bonitona" (c/ José Batista, 1948);
- 3 - a expressão das religiões de matrizes africana em "Pisei num despacho" (c/ Elpídio Viana, 1947);
- 4 - um meta-samba (samba que fala do próprio gênero) em "Que samba bom" (c/ Arnaldo Passos, 1949);
- 5 - sua incursão na política em "Ministério da Economia" (c/ Arnaldo Passos, 1951), na qual são retratados fatos e dados ligados à criação do referido órgão pelo presidente Getúlio Vargas;
- 6 - a violência da polícia nas favelas em "Polícia no morro" (c/ Arnaldo Passos, 1952);
- 7 - a gastronomia do universo do samba em "Cabritada mal sucedida" (c/ Jorge Gebara, 1953);
- 8 - a geografia urbana carioca e suas favelas, algumas já desaparecidas, em "Ecurinho" (1954).



Sendo assim, cabe aos estudiosos do versátil autor reverem a sua contribuição à MPB, mais especificamente ao samba, e repensarem o seu legado, que ultrapassou a barreira dos anos, tendo em vista a sua contribuição em relatar situações que perduram e que deveriam ter sido extintas para o bem de uma sociedade mais justa.

Na verdade, a sua atuação é muito profícua e não se prende a um só tema ou a um só enfoque, e poderia ser mais explorada sob outras óticas, devido a sua importância no cancionário popular.

Temos muito que scanear a alma e a verve deste personagem da MPB, esperando que com o tempo venham à tona outros estudos da nossa literatura-musical complementando assim, a passagem do polivalente Geraldo Pereira.

**Euclides Amaral**, poeta-letrista e pesquisador de MPB. Autor, entre outros, do livro de ensaios “Alguns Aspectos da MPB”.



No nosso **COMIDA DE PÉ-SUJO** temos a honra de compartilhar uma receita (ou um texto com receita) do escritor Marcelo Bizar.



**TORRESMO COM CACHAÇA** - Aqueles que me conhecem sabem o quanto aprecio uma das maiores invenções do brasileiro: a cachaça. Bebida tipicamente brasileira e muito consumida no subúrbio carioca. A origem da cachaça é controversa, mas provavelmente advém da aguardente usada para amaciar o "cachaço", porco criado solto, ou da "cagaça", líquido que era jogado fora durante a feitura da rapadura e que os africanos escravizados no período colonial teriam recolhido, bebido e lhes dava ânimo. Então resolvi compartilhar com os amigos da **Revista Sarau Subúrbio** um prato que considero muito especial. Trata-se do **TORRESMO COM CACHAÇA**.

### Ingredientes que não podem faltar:

1kg de torresmo ( sei lá pode ser toucinho em cubos, panceta); Sal e pimenta do reino ao gosto de cada um; 3 dentes de alho amassados (é recomendado, fica bem legal); 2 colheres de sopa de cachaça (é só isso mesmo... infelizmente!); 1/2 xícara (chá) de óleo.

**Modo de preparo:** O torresmo deve ser temperado com o sal, a pimenta do reino, o alho amassadinho e aquela dose de cachaça. O óleo devemos aquecê-lo em óleo numa panela grande, fogo médio.

Óleo bem aquecido: coloque os torresmos.

Então, para fritar, tampe a panela. Uma vez ou outra vamos mexendo nossos torresmos, com muito cuidado para não nos queimarmos, até eles começarem a esbranquiçar.

Passamos pra etapa em que devemos escorrer os torresmos e reserva a gordura em que ele fritou guardando-a num recipiente.

Levamos os torresmos à geladeira por uma longa hora.

Passado o tempo, em fogo alto, vamos aquecer o óleo novamente e fritar os torresmos, mexendo até dourar (cuidado para não se queimar).



Dourados os torresmos! Pronto! Agora é só escorrer num papel toalha e comer!

Demora uns 90 minutos pra ficar tudo pronto.

Acresceto que umas cinco pessoas comem tranquilamente se comerem moderadamente.

### **Acompanhamento:**

I. uns gomos de limão cortados e espremidos sobre o torresmo na hora cai muito bem;

II. Pra beber, uma cachaça de boa procedência cai muito bem.

No Youtube dois apreciadores de cachaça deram suas dicas. Leandro Dias disse que a cachaça envelhecida em bálsamo cairia muito bem uma vez que a carne do torresmo é firme e de sabor intenso. Já João Almeida indicou cachaças envelhecidas em freijó (madeira mais utilizada no Nordeste para envelhecimento da cachaça) devido à gordura da carne (envelhecimentos médios, não alteram tanto o sabor original da cachaça).

Eu gosto muito com cachaça envelhecida em umburana (envelhece diminuindo a acidez e deixando um sabor levemente adocicado à cachaça).

Mas, carioca e suburbano que sou, aconselho uma cervejinha bem gelada também. Como fico em dúvida sempre gosto de comer esses torresmos com uma cachaça envelhecida em umburana e também um copo bem gelado de cerveja.

III. Aí, colocamos pra tocar um disco do João Nogueira ou da Dona Ivone Lara (Quanta saudade!) e a mágica do dia acontece. Na dúvida: coloque os dois discos, beba um pouco mais (da cachaça e da cerveja) e corte um queijo minas de tira-gosto e continua com essa magia...





## NO PEITO UM REGADOR

E adubei a terra.  
E espalhei sementes.  
E reguei, com alma e coração.  
Foram longos e prazerosos.  
Os dias de germinação!  
E as sementes, se fizeram brotos.  
Raízes se espalharam, e nasceram as primeiras folhas.  
Sorrisos, carinhos, afetos.  
E um regador, sempre no peito!  
As folhas se mostraram belas, e felizes.  
Tudo parecia tão perfeito.  
Que por um instante, esqueci o regador.  
Pensando que apenas com o meu olhar.  
O sonho, viraria flor.  
E sem perceber, o verde foi mudando a cor.  
A terra virando poeira.  
E a vida, perdendo o sabor...  
Numa manhã de sol.  
Corri pro meu jardim.  
Enchi o peito de amor, e beijei cada botão!  
E reguei, mexi na terra, tirei folhas secas.  
Fiz canção!  
Montei um acampamento.  
Cultivei cada momento.  
Pra tentar me redimir, da minha desatenção.  
Nos momentos de angústia, entreguei o meu amor.  
E cansado adormeci, abraçado ao regador...  
Mas, foi quando despertei.  
Que veio a satisfação.  
Em mais um dia de sol. Tudo era poesia, magia do Criador.



Mas, foi quando despertei.  
Que veio a satisfação.  
Em mais um dia de sol. Tudo era poesia, magia do Criador.  
As sementes que eu plantei.  
Com corpo e alma reguei.  
Entregando o meu amor.  
Como prova de carinho.  
Enfeitaram o meu jardim.  
Se desabrochando em flor...

**Júnior da Prata**



## MULHER: A AUSÊNCIA TRANSFORMADA EM LUTA

Ser mulher é transformador

Ser coleguinha de algumas dessas mulheres é no mínimo delicioso pois, lutam por suas vidas, fazem o seu caminho, são auto-sustentáveis e não tem medo de avançar.

São dignas.

Estão sempre trabalhando por uma sociedade melhor.

Fazer parte desse grupo é uma construção diária e permanente contra o sexismo, machismo, preconceito, discriminação, racismo e qualquer tipo de violência, isto nos move.

É o movimento da solidariedade, do bem viver. É um existir intenso, o saber sempre compartilhado.

Estudar serve como instrumento de poder para "empoderar" palavra tão utilizada nos dias de hoje, mas é simplesmente mostrar, estou aqui com você e vamos crescer juntas.

O querer feminino não é destruidor, luta por seus direitos sem deixar de cumprir nenhum de seus papéis na sociedade e almejando melhorar sempre.

Estes homens que apedrejam, batem, cometem violência psicológica, humilham e matam mulheres são os mesmos que ela ama, amamenta, cuida e defende por toda existência com o objetivo de que seja feliz.

No dia 14 de março de 2018 morre Marielle Franco que independente de ser negra, favelada, mulher com muita honra, cumpriu com todos os seus créditos Universitários, e era um grande ser humano, e ainda tinha um cargo publico concedido pelo povo pra uma das mulheres acima. Sorriso largo, abraço caloroso e conversa boa e sempre com bons projetos na cabeça...



Como é bom conservar o calor do seu abraço, e ouvi-la dizer "Preta a gente se vê vamos conversar." Muitas Marielles andam por aí, deixou boas lembranças para as pessoas e realmente continuará sempre presente. Quem vive com sabedoria e inteligência conhecendo a humanidade e as desumanidades nunca morre....

Esta morto quem não consegue refletir o significado da execução que Marielle e Anderson sofreram. Pois der e existir e fazer acintecer não é tão fácil, é preciso liderança, empatia e acima de tudo saber dialogar, assim as mulheres sobrevivem na sua luta diária e sem medo..transformar para construir.

**Márcia Lopes**



## CHÃO DE PRAÇA

Eu não sou do tempo em que deram origem ao livro. Decerto não vi nascerem as tabuletas de argila ou pedra. Fico imaginando como me sentiria se escrevesse essa crônica num pergaminho que, segundo contam, faria a escrita durar mais. Eu ia querer certamente que nele o meu texto durasse pelo menos até umas décadas atrás ou hoje mesmo. E aí teriam a sensação de que uma palavra escrita minha duraria séculos, e uma Adêmona dessas, a escolhida por algum José, a teria lido com comoção.

Mas mesmo não tendo o privilégio de ter sido um ancestral leitor, confesso a minha paixão pelo objeto livro, o impresso. Guardo em minha hoje reduzida biblioteca (que às vezes pede socorro pedindo uma limpeza em regra) alguns exemplares do tempo da bisavó e, empoeirados ou não, mas certamente com as páginas mais do que amareladas, me proporcionam um prazer. Ora uma gramática de tupi antigo ora um livro de poemas do século XIX ora outras e mais outras publicações que me levam a viajar com minhas vozes e com outras que o texto vai mostrando à medida que leio.

Outro dia escutei uma conversa que até agora entrou por um ouvido e ficou em minha garganta com faringite. Estava em pleno Passeio Público, depois de um cafezinho que a gente experimenta antes de trabalhar, quando um sujeito gorducho, desses que já passaram dos cinquenta, dizia a outro bem mais moço: " Não fique preocupado com isso não. Se você não quer mais ficar com os livros, dá pra mim ou, se não quiser, faz como eu: joga eles no porão de casa e deixa lá até vir traça e aí uma e outra e uma pá delas vai devorando o bicho e você depois pega eles e manda pro lixo que nem comida velha".

Sabe, aquilo me causou um mal-estar. No início me perguntei se este cidadão não acreditava mais no livro impresso, depois pensei ser ele mesmo um bronco, alguém que trata um objeto em folhas como se fosse lixo, igualzinho a suas palavras. Fui me afastando com aquela azia mais do que justa - e logo depois do cafezinho - entrei no escritório de uma amiga para digitar um texto poético que havia feito semanas antes e de repente desisti. As palavras do troglodita não só me irritaram, mas me provocaram em consequência uma vontade incontrolável de voltar pra casa e ir ao encontro de meus livros velhos para abraçá-los.

**Carlos Augusto Corrêa** - Carioca nascido em Vila Isabel, cronista caminhador, formado na UFRJ. Amante da boa música e dos livros. Seu mais recente livro lançado este ano "Um Cronista Pelas Ruas do Face".



- **FOI UM SAMBA QUE PASSOU EM MINHA VIDA**

Na vida de todos nós que amamos o SAMBA existe aquele em especial que nos marcou. Este é o espaço para os depoimentos apaixonados, compartilhe com os leitores aquele Samba inesquecível.

Depoimento de **Amália**:



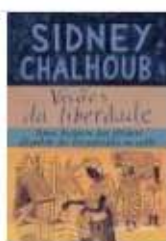
link: <https://soundcloud.com/sarau-suburbio/dep-de-amalia>



## • Estante suburbana

Nosso estante suburbana deste mês apresenta livros importantes sobre a questão da escravidão no Brasil. Os livros abaixo foram recomendados por **Orlando Rey** (Filósofo, historiador e "sambista nas horas vagas!")

Os livros são: Visões da Liberdade, A Abolição, Dicionário da Escravidão e Liberdade e As Camélias do Leblon e a Abolição da Escravatura.



## • Discoteca suburbana



\* MENINOS DO RIO \* ( Jurandir da Mangueira, Baianinho, Jair do Cavaquinho, Nelson Sargento, Monarco, Elton Medeiros, Aluísio Machado, Niltinho Tristeza, Luiz Grande, Dauro do Salgueiro, Campolino e Dona Ivone Lara, dentre outros)

\* NEGRO MESMO \* (Nei Lopes)

\* UM CANTAR A VONTADE \* (Luiz Carlos da Vila)

\* GENTE DA ANTIGA \* (Pixinguinha, Clementina de Jesus e João da Baiana)



## LOBATO

Conheci Lobato no subúrbio da Penha, quando eu tinha ainda meus quinze anos. Morava na Penha. Devia já estar ele pelos seus sessenta a sessenta e cinco anos. Era culto e tinha voz firme. Cabeça branca, magro, enrugado, irônico, irreverente, beberrão, envelhecido e sempre com trajés sujos e velhos, vivia pelos botequins e dormia nas ruas, sobrevivia de alguns biscates e de desenhar Jesus Cristo no chão, com carvão, em troca de moedas que lhe jogavam. Era despojado de tudo. Diziam que sua família tinha boa condição social e vez por outra o recolhia, dava-lhe boas roupas e uma vida condigna, mas sempre o velho voltava às ruas.

Era a vida de que gostava.

Eu o admirava, porque, apesar da pouca idade, via nele algo novo, totalmente fora dos padrões que eu conhecia, uma espécie de repúdio ao bom-mocismo tão hipocritamente professado pelas pessoas e a sociedade em geral. E justamente naquela época eu já começava a renegar a figura do bom-moço, do bem-ajustado às ideias dos pais "perfeitos" e cheios de princípios morais pouco sinceros e muito duvidosos.

Lobato era o despreendimento, a desambição e talvez me tenha exercido alguma influência. Possivelmente porque me lembrasse, guardadas as devidas proporções, Diógenes, o filósofo grego totalmente desapegado das convenções sociais e cujos únicos bens eram um tonel que usava para abrigar-se do frio e uma cuia com que bebia água, a qual jogou fora após ver um menino fazê-lo convertendo as mãos uma concha. As histórias que me eram contadas do pensador me fascinavam Talvez o indigente misturasse Diógenes com Jesuíno Galo Doido, o anárquico velho vagabundo de "Os Pastores da Noite", de Jorge Amado ( não conhecida ainda eu o Quincas Berro D'Água).

Não sei o exato motivo: só sei que me encantou, porque eu estudava à tarde e, embora ainda não bebesse, passava as manhãs sentado a mesas de botequins, só para ouvi-lo contar suas histórias e ficar a conversar com ele.





Um dia me contou que na juventude fora militar e, num baile do pessoal das forças armadas, dançara com a mulher de um oficial superior, com quem flertara durante a dança. Soube (ele) que depois, manifestado o ciúme do marido, a moça confessara acintosamente que gostara do comandado: por isto, o oficial teria conseguido um pretexto para desempregá-lo.

Não contava do que teria vivido antes de optar pela mendicância... ou se ter-se-ia entregado à indigência logo após o episódio. Mas o fato é que gostava de andar com roupas sujas e velhas e de viver dos expedientes de que já falei.

Veza por outra sumia. Quando se perguntava pelo velho, diziam que havia morrido. Passavam-se dois ou três meses, reaparecia.

- Lobato, mas disseram que você...

- Que eu tinha morrido, eu sei.

Brincalhão e divertido, outros jovens gostavam de ficar em torno dele. Os mais maduros gostavam de ocupá-lo para confabulações mais sérias e mais cultas.

Sumiu duas, três vezes, e voltou sempre se dizendo sabedor do boato de que morrera. Uma vez desapareceu e nunca mais voltou. Uns quinze anos mais tarde alguém me contou que realmente morrera: resolvera integrar-se à sociedade, fora morar com a família, arranjava um emprego de motorista e morreu num acidente de automóvel.

O nome do homem não é fictício, era este realmente culto, irreverente e respeitado pelos que também o eram(cultos), vivia embriagado e ganhava a vida com desenhos no chão e biscates, mas todas as outras histórias soube através dele próprio e das pessoas que o rodeavam. Até a morte soube por intermédio de um conhecido comum. Mas que era uma criatura fascinante, inegavelmente era.

**Barão da Mata**



## TEMPOSIÇÃO DAS ALMAS ÍNCUBAS

(romance épico-suburbanista)

### •INTRODUZSOM:



link: <https://soundcloud.com/sarau-suburbio/introduzsom>

### •1º PRETEXTO: LAS ALMAS ÍNCUBAS SON ATEMPORALES!

#### O NORTE

Legado-se ali  
 Profecia-se o berro  
 Esquartejando-se e indo...  
 Mortes são nortes, são tempos.  
 As primeiras almas deliraram  
 Se tornaram íncubas e partiram  
 Seus Nortes não-geográficos  
 Assessoraram-se enquanto  
 Eclipses voltejavam-se polimétricos!

É somado ao passo primeiro

#### PRISCAS PENURAS

E não sabia de onde tanta dor  
 Escritórios fabulosos, cheios!  
 Das fatupas menos populosas  
 Adiantavam-se os pagamentos  
 E assim, finainicialmente...  
 O Homem Tonto partiria, pudera!  
 Bosqueteria-se temporizado  
 Ao Norte procedêutico DELas  
 As Almas Íncubas

Sarau



Subúrbio

## PASSARAIO AO SUL

Canoa no rio-mar indo no ar  
Hombre dormece, pesadela  
e quanto sabe aparece mais  
no banheirumundo onde foi  
vomitou muito e no fôlego  
do espelho videolizou-lhe  
o espaço-temporal das Almas Ícubas

Pazuzu



## RÁDIO VIVA O SAMBA, UM SONHO REAL

O que faz uma pessoa que não tem sonhos?

O sentido da vida está em buscar e realizar a cada dia um pedacinho do sonho que nós temos, seja o sonho mais simples ou mesmo aquele sonho impossível. Se é que existe um sonho impossível quando se acredita nele.

O Projeto da Web Rádio Viva o Samba surgiu a muito tempo por boas influências do meu incansável, batalhador e grande amigo Jair do Pandeiro meu pai.

O meu "véi" sempre percorreu as rádios e outras mídias para conseguir um espaço para mostrar o trabalho do seu grupo "Compasso da Vila", nunca desistiu do seu sonho mas na maioria das vezes as portas não se abriram.

Assistindo a essa luta diária pensei em criar este espaço livre, onde o meu "véi" pudesse mostrar o valoroso trabalho do seu grupo, sonhei mais, sonhei para todos os artistas que se dedicam e fazem com muito amor e sacrifício a sua arte e para todos reservei um pedacinho deste projeto.

E o sonho está se realizando, são oficialmente 8 anos que a Web Rádio Viva o Samba está no ar, um projeto que começou em 2004 no papel.

Como neste mundo não se realiza nada sozinho, tive a sorte de conhecer esta pessoa que não veio somar, e sim multiplicar, trazendo o seu conhecimento, a sua sensibilidade e profissionalismo, Aglaize Silva e Souza carinhosamente a "Dama da Lapa", a minha parceira que é responsável hoje pela produção da Radio Viva o Samba e desempenha um papel importantíssimo para o nosso sucesso.

Muito obrigado parceira nos altos e baixos, na chuva ou no sol, estaremos juntos porque o nosso sonho é comum.

Quero agradecer aqui a todos os artistas e amigos ouvintes pela força nesses oito anos.

E uma boa saudade fica dentro do meu coração, o meu véi pai o Jair do Pandeiro, que poderia estar aqui do meu lado comemorando, foi fazer uma viagem para se juntar lá no céu com outros bambas no dia 10 de fevereiro de 2011, mas ficou o seu legado.



## UM POUCO DO NOSSO TRABALHO

A RÁDIO VIVA O SAMBA tem como objetivo principal valorizar a cultura brasileira apresentando em sua programação o Samba e o Choro, fontes ricas de conteúdo e qualidade, neste trabalho não usamos a palavra resgate porque a verdadeira música brasileira está aí para quem quiser ouvir. Ela existe, é eterna e a prova disso é que as grandes composições continuam sendo gravadas por novos interpretes que também se preocupam em manter acesa essa chama. Infelizmente, a maioria dos veículos de comunicação não tem se preocupado com a qualidade e com a divulgação da boa música, de eventos que contam a nossa história musical, da literatura que guarda todo esse conteúdo. Utilizando esta poderosa ferramenta que é a internet, através do nosso site [www.radiovivaosamba.com](http://www.radiovivaosamba.com) colocamos na programação diária tudo que existe de melhor e representativo no meio musical tratando-se de Samba e Choro. Grandes compositores nos deixaram obras que não devem ficar arquivadas, essas obras devem ser distribuídas e executadas para que todos possam conhecer.

A equipe da RÁDIO VIVA O SAMBA é composta por duas pessoas, eu, Luiz Carlos Corrêa(Lucaco) e Aglaise Silva e Souza. Todo o trabalho é feito até hoje com nossos próprios recursos financeiros, e com muita paixão e determinação sem nenhum patrocínio ou apoio. Esperamos contar com você para jogar esta semente por onde passar.

A história e a memória de um país está registrada na criação desses artistas, cada qual em sua época, mas que o tempo nunca apagará enquanto existir um sopro de resistência. Viva o Samba ! Viva o Choro !

**Lucaco** ( criador do Projeto Rádio Viva o Samba uma web rádio que divulga artistas do Brasil inteiro para o mundo.

Sarau



Subúrbio



## SENGAS

( para Ney Lopes em 01 05 2017 inspirado no novo Dicionário Banto do Brasil )

Línguas Bantas são faladas pelos povos Bantos

Vou falando

Abecado abecar beca

já ouviu alguma dessas?

Abecado é abotoado

Abecar é segurar alguém fortemente pela gola

Beca hoje chamamos que está bem arrumado

Mas no passado nos suburbios era fazer uma vaquinha

Língua de Angola, lá longe, de varias regiões

Banzé bamba beléleu

Vou repetir bamba banze e beléleu

Adivinha então

Quando acontece um rolo, confusão , é um tremendo banzé

Ih Foi tudo pro beléleu, se finosse né? Sucumbiu.

Bamba é Mestre; e quando mais ainda; vira bambambã.

Quantas de nossas palavras vieram do Quimbundo?

Um dos povos Bantos.

Babá, dengo, farofa, fofoca, minhoca

Chega já Vou parar,

Vou só deixar a palavra cachimbo

Pra mode ôces pisquizar.

**Rodolfo Caruso**

.....  
Sengas são fragmentos



## MARIA CANDELÁRIA

Maria Candelária não é alta. Nem funcionária. Nunca foi paraquedista. Mas já caiu. Na vida, não na letra O.

Acorda, mas não almoça ao meio dia. Nem todo o dia.

A uma vai ao florista (só pra ver, da porta, a vitrine).

Às duas ao dentista – a quem aborda quando ele chega no elevador do consultório que ela nunca frequentou.

Às três vai ao café – só pra descolar um qualquer.

Às quatro assina o ponto (no beco da cola) e dá no pé logo que vê a cana dura chegar e cobrar o pedágio (que grande vigarista que ele é...)

Maria Candelária trabalha de fazer dó. Coitada da Maria, que nem conheceu o General da Banda, irmão de cor, e vive preocupada com outras patentes menores. Coitada da Maria, que tem medo de blecaute, pois cedo aprendeu que a falta de luz é um terror na perigosa e comprida noite da Candelária.

## Orlando Oliveira

(extraído de seu livro Linguagem dos morros e outros contos, publicado em 2004, nos 30 anos da morte de Blecaute, o General da Banda, e nos 20 anos da chacina das crianças da Candelária)



## UM ARGENTINO NA PELADA DE VIGÁRIO GERAL?!

Corria o ano de 1990, alguns meses antes da Copa do Mundo que seria realizada na Itália. A Convergência Socialista, ainda corrente interna do antigo PT (seria desligada dois anos depois), fazia crescer bastante o seu trabalho na antiga 22ª Zona Eleitoral, que envolvia os bairros da Vila da Penha, Irajá e Vigário Geral, entre outros. Para comemorar o fato, João Ricardo, vulgo JR, então dirigente do sindicato dos bancários, decidiu marcar uma pelada no seu bairro, o Parque Proletário de Vigário Geral, trazendo os seus companheiros de grupo político da Vila da Penha e de Irajá.

Tarde ensolarada de domingo, os times formados: em um dos gols, Érico, um negão enorme, presidente da torcida Força Independente do Vasco da Gama, pesando seguramente mais de cem quilos, que ocupava boa parte do gol. Para guarnecer a sua zaga, com cara de pouquíssimos amigos, Geraldão, um metalúrgico também negro da ASCA de Vigário. "Um homem chamado maldade", assim se referiam a Geraldão, pela sua maneira de jogar e pelas brigas em que se metia no bairro. Também compunham o time, entre outros, o representante de vendas, Chico Pereira, e o trabalhador do INSS, Luiz Carlos Máximo, ambos boleiros de longa data das peladas no campo da CETEL, próximo ao Largo do Bicão.

Mas, a grande sensação do time, era um argentino. "Tem argentino na pelada?", curiosos queriam saber. "Quem é? Ele é bom?", os jogadores adversários de um time local perguntavam. JR respondeu, "botando pilha": "Joga pra caralho. É aquele ali!" (apontou para um bigodudo de cabelo liso, ranheta, pouco mais de 1,60 metros). "Ih, ele é baixinho e catimbeiro como o Maradona! Não vou dar mole", disse um adversário, traçando o paralelo com o super-craque argentino, o maior jogador do mundo, naquele período.

Sem saber da curiosidade que despertava nos adversários e na torcida, Lélío, que era metalúrgico da Standard Electric (onde se ergue hoje o shopping Carioca) se divertia dando umas corridinhas para se aquecer na frente de Laura, a filha pequenininha: "Veio ver papito jogar la pelota, Laurita". E quanto mais Lélío se aquecia, mais intrigava a torcida: "Será que esse gringo joga mesmo?".





O que ninguém sabia era que o "gringo", quinze anos antes, tinha sido estudante de medicina em Córdoba; atuou na clandestinidade em plena ditadura do general Videla e decidiu largar os estudos e se proletarizar "pela revolução internacional". Por ser militante do Movimento ao Socialismo, organização coirmã da Convergência Socialista, acabou parando no Rio Grande do Sul, onde se casou. Lá nasceu Laura e, depois, Lélío e família vieram estacionar no Rio de Janeiro.

E, lá estava ele, Lélío, em meio a uma pelada bem próximo à favela de Vigário Geral, local perigoso diziam os jornais. Mas, com certeza, muito mais seguro do que a Argentina da ditadura militar, da época da sua juventude. Será? De repente, o jogo foi interrompido: jovens armados, com um carregamento pesado, passaram no meio da pelada. Tudo se deu de forma rápida, mas de uma maneira respeitosa com os trabalhadores boleiros que se aventuravam como craques naquela tarde de domingo.

Passados 28 anos, ninguém lembra qual foi o resultado da pelada. Já os personagens daquela tarde ensolarada de Vigário Geral tiveram destinos diferentes: Érico assistiu, já afastado, a sua Força Independente do Vasco (uma torcida ecumênica que permitia a participação de tricolores, botafoguenses e... rubro-negros) se diluir na Força Jovem. Chico Pereira continuou trabalhando com vendas, se tornaria compositor do grupo "Cambada Mineira" e sua casa, a poucos metros do campo de pelada da CETEL, passou a abrigar encontros mais tranquilos, com artistas como Vital Farias, Geraldo do Norte, Socorro Lira, Paulinho Pedra Azul e Márcio Borges. Já Luiz Carlos Máximo venceu seis sambas-enredos na Portela e na São Clemente. Por sua vez, JR dirigiu um botequim na rua Joaquim Silva, na Lapa, onde começou a se formar o grupo "Galocantô".

E quanto a grande sensação daquela tarde, o argentino Lélío? Ele foi trabalhar, cinco anos depois, com Geraldão, na Asca de Vigário. Com a crise de desemprego, voltou para o Rio Grande do Sul, depois para Argentina, onde deixou de ser metalúrgico e se formou em História.

E, para a História não ficar incompleta, a pergunta que não foi respondida por essa crônica: "o argentino era mesmo bom de bola?". Se ninguém lembra qual foi o resultado da pelada, todos os presentes ainda vivos daquela tarde, se recordam com absoluta certeza: "o gringo não jogava nada".

**Alex Brasil: Historiador**



## MORRERAM TRÊS ESSA NOITE

No exato momento em que o porteiro usa uma lanterna para fiscalizar os muros de uma escola na Estrada de Madureira, um diretor e um professor se justificam sobre o fim do expediente ser às oito e não às dez para o aluno Lucas, e ainda um grupo de estudantes faz algazarra ao redor da porta da direção encostada, onde ocorre a justificativa. Morreram três essa noite, diz o diretor, enquanto o professor faz um gesto de positivo, confirmando a tragédia. Não se esqueça de que a nossa escola fica em área de risco, Lucas. Mas Lucas não quer saber das mortes, por isso põe o dedo em riste na cara do mestre e afirma que ele terá que dar aula até dez horas.

O porteiro segue em sua procura com veemência, próximo ao muro da escola, busca que o grupo de alunos atrás da porta da direção sequer percebe, estão preocupados demais em prestar atenção àquele debate escola versus aluno. Inclusive um casal de namorados que está no grupo aposta entre si um pastel e um caldo de cana se houve ou não as três mortes.

Lucas diz que não há confirmação de que morreram três essa noite, que os bandidos não mandaram fechar a escola cedo, então não devem parar as aulas antes. Argumenta que sua vida depende dos estudos, que deseja passar em um concurso e tirar sua mãe da casa com esgoto retornando, dos baldes malcheirosos retirados da cozinha até a madrugada, do aflitivo aluguel que faz de sua família um bando sem lugar no mundo. Mas nós vamos sair às oito horas, sinto muito, mas repito: morreram três essa noite e estamos em área de risco.

Do outro lado da porta, os alunos debocham de Lucas, gritando efusivamente que querem sair às oito, alguns até dizem que poderiam partir no mesmo instante, se o porteiro largasse o muro em paz e abrisse o portão – agora eles o notam, mas não se importam. O namorado diz que a namorada perderá a aposta, que é outro crime inventado pelo diretor para a escola fechar mais cedo, obviamente fala isso num tom discreto, ele deseja se aproveitar da situação, ao que a namorada se lamenta pois a gravidez a deixou com desejo por caldo de cana, palavras que induzem o namorado dar-lhe um leve beijo no rosto.

Dentro da direção, Lucas diz que estão em área de risco sim, mas há muito tempo não há ocorrência, que o bairro tem melhorado e que, se saem cedo quase todo dia, é mais por invenção da direção e dos professores que pela realidade do bairro.



Está nos chamando de mentirosos?, pergunta o professor. Sim, diz Lucas, vocês pegam o carro e vão embora, mas o boato fica e eu vou atrás, procuro saber e não há nada. Mas os alunos confirmam, diz o diretor. Você tá falando desse pessoal que chegou às seis e quer ir embora às seis e dez?, vocês pensam que enganam a quem?, pergunta Lucas. Não fale assim comigo, seu moleque, morreram três essa noite sim, reafirma o diretor.

O grupo ouve o esporro e faz um coro de zoação, algo como uma ola, por isso ninguém escuta o grito do porteiro que cai apagando sua lanterna, só está ferido e não morto, enquanto o jovem que o aporrihava tentando pular o muro avança. Eu não vou ficar ouvindo um moleque me desafiar, grita o diretor, sem escrúpulos. Não morreu ninguém, vocês se aproveitam da escola ser em área de risco pra inventar crimes, pensam que não percebo o risinho nojento quando vão nos comunicar em sala?

Há um silêncio estranho no grupo de alunos que rodeia a porta, ninguém sabe ao certo o que está por acontecer, se irão às vias de fato, se haverá um processo, uma expulsão, o fato é que a discussão foi longe. O namorado põe a mão na barriga da namorada. Acho que nosso filho vai nascer com cara de caldo de cana.

O jovem que agrediu o porteiro avança, anda gingando, canta qualquer coisa, a escola está escura e só se vê seu tênis brilhando. Nesse momento, o diretor se levanta, Lucas também se levanta, ambos são do mesmo tamanho, apesar da diferença de idade, o professor se coloca ao lado do diretor, feito um braço direito, eles começam a gritar, a se xingar, o grupo de alunos na porta volta a gritar, estão todos em êxtase, uma briga histórica irá acontecer, aluno contra professor e diretor, é o fim da razão.

Os ânimos se acalmam um pouco, é o que acontece quando uma tragédia está por vir, todo enfermo parece melhor antes de morrer. Tudo parece retomar a tranquilidade e então vem a má notícia. Vamos fazer uma ocorrência escolar, Lucas, você passou dos limites. Quero que conste na ocorrência o motivo de não ter aula hoje. Você quer que a gente coloque que morreram três essa noite? Se é verdade, tem que entrar no documento e podem dizer que estou chamando vocês de mentirosos. Acabou o respeito com o educador neste país, lamenta o professor, levando a mão à testa. Se não colocarem isso na ocorrência, eu não assino, avisa Lucas.

Professor e diretor se olham temerosos. Lá fora, há gritos em coro. “Lucas, Lucas, Lucas”. A coragem do rapaz ganhou o coração dos desafetos. A grávida alisa a barriga e pede perdão à filha caso ela nasça com magra feito uma cana caiana. O pai da criança brinca que nenhum menino irá querer namorá-la devido à magreza, portanto melhor assim.



Subitamente, o grupo de alunos vê o jovem que derrubou o porteiro e sua lanterna empurrar a todos, a grávida quase cai e o coro em êxtase termina, as vozes em uníssono se tornam um silêncio angustiante. O jovem entra e, sem dizer palavra, desfere três tiros, um no peito do professor, outro na cabeça do diretor e mais um em sua própria têmpora direita. Três rios de sangue se encontram numa espécie de afluente, que escorre pela porta encostada.

Se era boato ou não, ninguém tinha certeza. Mas agora se tornava real, de modo que o grupo de alunos está enfim livre pra sair cedo, já Lucas, que está paralisado no interior da direção, terá que esperar alguns dias de colégio em luto pra ter aulas até as dez, por fim a grávida realizará seu desejo de beber caldo de cana, afinal, morreram três essa noite.

**Jonatan Magella**

\* O texto faz parte de *Vidas Irrisórias*, o novo livro do autor, que será lançado em junho.



## PELADA DE CARNAVAL

O trac-trac do bondinho já era meu velho conhecido, anunciava-se. Olhei para o alto curioso, queria saber dos foliões indo pra Santa Tereza no bondinho-folia do carnaval carioca.

Cheio. Foliões agarrados aos ferros como estandartes vivos. Cantavam marcha de carnaval que mesmo aqueles que não são chegados às folias de Momo gostam, a Máscara Negra do inigualável Zé Ketí. Era um show de cores. As luzes do sol sobre as fantasias carregadas de plásticos, vidros, paetês, miçangas, faiscavam num belo espetáculo.

Foi alta a bola lançada pro pierrot, um pouco mais baixa seria um lindo gol de cabeça. Uns meninos do outro lado da rua jogaram de volta fazendo a bola cruzar a Rua da Lapa.

No time adversário, ritmistas de um bloco da Tijuca, pareciam ter mais fôlego que a gente. Levavam a partida sem dificuldades, nem parecia que tinham brincado toda a noite passada, sábado de carnaval.

De uma marca a outra do nosso campo improvisado lançaram a bola, houve distração do nosso meio-campo, mais um passe, driblaram nossa defesa e acabaram chegando perto de nosso gol. O índio, nosso zagueiro, parecia nas nuvens, mas tentou fazer o agarre, as penas do cocar caíram sobre seu rosto, não teve visão, foi gol. Um a zero para o time dos ritmistas, amargamos uma. Aí percebi que o pajé estava completamente bêbado.

- Ô pajé, sabe quantas bolas estão em jogo?

- Aí... vai se foder! respondeu o Pajé.

- Índio, sai de campo, meu nêgo, deixa o incrível Hulk entrar, disse o profeta alisando sua barba com uma das mãos e na outra uma garrafa de 51.

O índio saiu, lançando suas desgraças sobre o time, cheias de álcool e saliva. A bola voltou a rolar.

Num jogo de corpo desengonçado nosso pirata conseguiu deixar dois tamborins desnorteados catando cavaco atrás da bola. Preparou o lançamento e lá se foi a bola magistralmente parar nos pés de nosso baiana. Ele não dominou a bola, nem o vestido de sua mãe, ambos no chão. Não completou aquela que seria a melhor jogada daquele carnaval e ainda reclamou que o lançamento foi mal feito, muito rápido.



- Você deve ser melhor fazendo uns quitutes, baianinha. Futebol é coisa pra macho, exclamou um mendigo que assistia ao jogo.

- Vai se catar, mermão! Aqui ó, disse o baiana, mandando aquele dedo. O pirata se meteu:

- Peraí, que que foi ô véio?

- É que esse jogo tá uma merda, e deu aquela gargalhada, chamando-nos de maricones, mostrando uma banana para o saci-pererê, nosso juiz.

- Assim vai ser difícil rolar nosso futebol, acabei por dizer.

O lobisomem e o vampiro pelo que pude ver não saíram tão cedo do Carlitos. Bebiam sua gelada e conversavam com três oncinhas. Cantavam os sambas e pediam sempre mais uma rodada, estavam garantidos pro resto do carnaval, pelo jeito.

Paro um pouco e medito olhando os Arcos da Lapa registrarem nossa partida. O Rio tá lindo demais no verão.

- Ô, vampiro da Jamaica, não quer mais jogar não, pergunta-me o Bin Laden.

Realmente estou cansado, os pés respondem lentos, no bloco de Osvaldo Cruz, ontem à noite, o "Folia Suburbana", foi muito arretado, massa, maneiro.

Todo carnaval tem nossa pelada, já é tradição. Sempre jogamos num campo perdido em Realengo, mas este ano resolvemos que seria em frente aos Arcos da Lapa. A Lapa é nosso subúrbio ainda.

O som de um frevo me chama a atenção, é um bloco passando perto. Alguns jogadores não pensaram duas vezes e partiram para a folia atravessando a Mem de Sá.

- Hei, o jogo já terminou? Gritei!

- Acabou o jogo sim, diz uma mulata concubina de lábios extremamente vermelhos, me chamando pra junto dela.

- Vamos brincar um pouco no bloco, depois a gente continua a partida, diz o homem da caverna segurando pela cintura uma fada do bloco de frevo.

- Ou melhor, marcamos pra amanhã, completa o Gervásio, que usa uma fantasia que não consigo identificar.

Acabou mesmo nosso jogo. Depois nós continuamos. Hoje, é carnaval.

Uma chavinha vai dando o ar da graça enquanto rumamos pra Praça Tiradentes.

**Antero Catan**



## O JOGO DE GUDE

O mundo nas mãos, a bola de gude.

O olhar ameaçador desempenha um fato que não se repetirá.

O suor escorrendo na testa, os cabelos retos, parados, não há movimento.

Onde pode faz acrobacia das pernas, tamanha que as cãibras teimam nos joelhos, nos cotovelos, na nuca.

Olho fechado só o esquerdo e na boca uma secura que não é só a saliva, a sede, a nervura é também.

O olho direito arreganhado o mais que pode, quer o foco com o olho direito, sua visão da sorte procurando em algum ponto do espaço, entre o triângulo desenhado no chão, o conjunto de bolas brilhantes e os ventos soprantes: a perfeita medida, o melhor ângulo, a força precisa e desenha tudo na memória, um filme.

Os ombros na primeira cena titubeiam. Tenta outra sorte. Pede favor ao seu orixá criança. Diz que será melhor na escola, diz que lavará o quintal pra mãe, promete muito mesmo. Será um filho perfeito e tudo isso, caso não consiga, tentará ao menos, com muito de seu esforço.

Os dedos coçam a mão molhada e se faz uma previsão como que um sinal espiritual lhe sorrisse: ritualística metafísica que o levanta de ser um alguém qualquer, sempre pensa isso na hora do jogo.

O prumo volta, então se mantém, e então se arruma mais decidido.

O movimento que ensaia agora é lento como o de um quase-triunfo desfrutado. Não tem pressa agora, é como os astros envoltos no silêncio da matéria negra.

O sopro do vento é inspecionado pois precisa saber como eles correm.

O joelho é dobrado, agacha-se. Sendo que o joelho direito fica um pouco mais baixo da dobradura do seu esquerdo.

O chão é tocado levemente e a terra, e pequeninas pedras, o fazem sentir uma certa dor que não importa agora.

O curvar dos seu dedos assim: do melhor jeito aprendido, o que sabe e sempre usou.

O dedo quase tocando a dianteira do nariz. A búlica aprisionada. Levanta a mão pra dar impulso e finalmente arremessa seu mundo de gude em busca de uma vitória na infância.

**Marcelo Bizar**

Sarau



Subúrbio



## ÁGUA DE MORINGA

O subúrbio é assim! Traz na sua identidade uma gama de objetos, símbolos, traços e marcas que o tornam original, atemporal e, de certa forma, mítico. Um desses traços de identidade da vida simples do subúrbio, fui buscar nas reminiscências da minha infância.

A infância de moleque pobre do subúrbio era a do dia que não podia terminar. Era a pelada no campo improvisado de terra batida, irregular por natureza, que mantinha sempre uma pedra que encontrava o dedo maior do pé, apesar da alegria do gol comemorado. Era a infância de fazer e soltar pipa, do triângulo de bola de gude que testava a nossa mira, o peão que insistia em desfazer a fieira três ou quatro vezes antes de ser lançado e girar sobre a terra e parar na palma da mão.

Infância suburbana que ousava nos garantir que a velocidade com que corríamos no pique-bandeira ia à contramão do dia que deveria demorar a terminar. Todas as subidas em árvores, corridas dos cachorros e demais brincadeiras e aventuras não podiam ficar restritas à exatidão dos ponteiros do relógio. Ou seja, nós fazíamos o nosso próprio tempo, pelo menos achávamos que tínhamos tal poder.

Essa pretensa cristalização do tempo era brusca e imperativamente interrompida por uma frase que vinha de longe, mas era inconfundível: “passa pra dentro moleque”! A garantia de que o ultimato seria cumprido, surgia como extensão da mão: uma correia ou uma vara de goiabeira. De súbito, a desafiar a velocidade da luz, estávamos eu e o restante da molecada atravessando cada qual a porta da frente de sua casa.

Ofegante, parte pela correria desembestada, parte pelo medo da possível surra, só diminuía os meus batimentos cardíacos depois de engolir, através de uma caneca de alumínio barato cheia até a borda, a água fresca retirada de uma velha moringa de barro, que ficava sempre no canto de uma pequena mesa de madeira na cozinha.

Tudo que escrevi, confesso, fiz um esforço para lembrar, exceto da imagem daquela moringa de barro cuja água, contrariando as leis da química, tinha gosto! Gosto de infância que se reteve no tempo, mas que continua ainda muito presente na memória.

Silvio Silva





## RIMA POBRE

Água de moringa doutor  
É o que mata a sede  
Corpo só descansa senhor  
Quando tá na rede

Samba de roda é bom  
Todo mundo entende  
O que mata a fome patroa  
A baiana vende

Um colar de contas maninha  
Que belo presente  
Quem faz a rima compadre  
Canta o amor que sente

Quem sabe ensina maninha  
Quem não sabe aprende  
Quem divide soma patrão  
E deixa o povo contente

O teu gingado mulata  
Não há quem aguente  
Faz parar o trânsito, guarda  
Cura até doente

Flor no cabelo morena  
Me deixa contente  
Trago no peito a alegria  
De um amor dolente

Não maltrate o fraco sujeito  
Nem quebre a corrente  
A alegria da vida parceiro  
Nasce com a gente



Uma versão gravada "em casa" de RIMA

link: <https://soundcloud.com/sarau-suburbio/rima-pobre>



# BLOG DO TIZIU



**A CIGANA CONTINUARÁ LENDO O MEU DESTINO! TÔ FORA DE VOCÊS PROFESSORES DE HARVARD!** Vazamento de informações sempre é algo interessante. Pode até salvar vidas, como acontece quando um vizinho fofoca sobre um amigo preso na gaiola do outro vizinho. Mas também tem os vazamentos que nos assustam, é um do tipo que quero compartilhar com nossos leitores. Vazou um vídeo do Google (mais um, alguns diriam...). Nas imagens podemos ver como são usados nossos dados pessoais com o intuito de nos vender produtos e o mais incrível: nos ensinar como devemos nos comportar, como deve ser nosso estilo de vida, tudo controlado por aplicativos. O trabalho não é de amador, não se engane. Citam os trabalhos de cientistas como Darwin e Dawkins dentre outros. E o que o Google diz a respeito dá aquele friozinho na espinha. Dizem que é verdade e entendem que isso é algo perturbador e que foi projetado exatamente pra isso. Especialistas dizem que usam uma técnica chamada de 'desenho especulativo'. Pois é, Big Brother foi coisa pra criancinhas do século XX.

**EU SOU DO POVO E POR ISSO...** Vou falar um pouco de mim. Posso? Meu nome científico é bem interessante: *Volatinia jacarina*, interessantes também meus nomes populares: serrador, bate-estaca, serra-serra e por aí vai. Meus iguais se espalham por todo o Brasil, países da América do Sul, México e Panamá. Sou um rapaz latino americano, com certeza. Moro no subúrbio carioca, no bairro de Ricardo de Albuquerque, mas estou sempre voando e observando por aí, não foi à toa que ganhei asas e esses nomes populares não me deixam mentir: gosto de fazer barulho, muito barulho, constantemente.

**MATRIX É REALIDADE NO SUBÚRBIO? POR ESSA NEM MEU AMIGO UIRAPIRADO ESPERAVA!**

**FALANDO UM POUCO MAIS DE DESENHO...** Primeiro deixe-me explicar por uma única vez: não gosto da palavra "design", prefiro desenho! E o assunto é o seguinte: o que você acharia se alguém lhe dissesse: "olha, vocês não perceberam ainda, mas, na verdade nós vivemos numa simulação que é controlada por um programador do futuro que se utiliza de computadores, que nem sequer imaginamos, para controlar nossas vidas". Talvez alguém pensasse que é um lunático quem disse isso. Pois é, pasmem! Estamos falando de teóricos da NASA, filósofos, cientistas e professores de Oxford. Tudo isso, toda essa teoria louca, relaciona-se com o tal do 'desenho especulativo' e outro desenho, os dos computadores e a previsão de sua evolução. Somando os ingredientes chegaram à conclusão de que estamos numa Matrix controlada por alienígenas.



- **Informação sobre os áudios da revista**



Verificamos que alguns aparelhos celulares não estão conseguindo abrir os arquivos de áudio que se encontram nas páginas da revista, assim, inserimos esta página para que possam abrir tais arquivos nos aparelhos enquanto nossa equipe técnica estuda o motivo do ocorrido para correção nas próximas edições. Agradecemos.

- Depoimento de Amália no FOI UM SAMBA QUE PASSOU EM MINHA VIDA:

<https://soundcloud.com/sarau-suburbio/dep-de-amalia>

- INTRODUSOM do escritor Pazuzu no texto TEMPOSIÇÃO DAS ALMAS ÍNCUBAS?

<https://soundcloud.com/sarau-suburbio/introduzsom>

- Gravação caseira de RIMA POBRE no texto de Silvio Silva:

<https://soundcloud.com/sarau-suburbio/rima-pobre>